

MISTICISMO ISLÂMICO EM AL-ANDALUS

I. Textos e Contextos

II. Gnose, Símbolo e Metáfora

III. Gnose, Norma e Transgressão

António Rei

Pilar Garrido Clemente (coords.)



MISTICISMO ISLÂMICO EM AL-ANDALUS

I. TEXTOS E CONTEXTOS

II. GNOSE, SÍMBOLO E METÁFORA

III. GNOSE, NORMA E TRANSGRESSÃO

MISTICISMO ISLÂMICO EM AL-ANDALUS

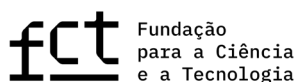
I. TEXTOS E CONTEXTOS

II. GNOSE, SÍMBOLO E METÁFORA

III. GNOSE, NORMA E TRANSGRESSÃO

ANTÓNIO REI
PILAR GARRIDO CLEMENTE
Coordenadores

Lisboa 2025



Este livro foi financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do Projeto Estratégico do IEM – Referência UID/00749 Instituto de Estudos Medievais

Título	Misticismo Islâmico em al-Andalus. I. Textos e Contextos II. Gnose, Símbolo e Metáfora III. Gnose, Norma e Transgressão
Coordenadores	António Rei, Pilar Garrido Clemente
Edição	IEM – Instituto de Estudos Medievais (NOVA FCSH)
Coleção	Estudos 36
Imagem da capa	"Layla", painel de azulejos ©António Rei, 1985
ISBN	978-989-9228-04-7 (IEM)
Design e execução	Ana Pacheco
Formato	Eletrónico

Índice

Prefácio	9
<i>António Rei, Pilar Garrido Clemente</i>	

I COLÓQUIO INTERNACIONAL	
<i>Misticismo Islâmico em al-Andalus “Textos e Contextos”</i>	13

Conocimiento de Dios y santidad (walāya) en el comentario coránico	
<i>Īdāḥ al-ḥikma</i> del sufi andalusí Ibn Barraḡān (m. 536/1141)	15
<i>Amina González Costa</i>	

Tratados <i>Sūfis</i> do Ġarb al-Andalus: épocas, homens e textos – Ponto de situação	47
<i>António Rei</i>	

A doutrina dos Sete Céus no Livro das Iluminações de	
Meca e no Livro do Esplendor: um estudo comparado entre o Sufismo de	
Ibn Arabi e a Kabalah de Moshé de León	67
<i>Caesar Malta Sobreira</i>	

Historiografía de los estudios sobre la <i>ṭarīqa</i> de los Sīd Būnuh/Būna y de las obras	
asociadas a la misma. Estudios y bibliografía	89
<i>Francisco Franco-Sánchez</i>	

Los <i>Ijwān al-Ṣafāʾ</i> (siglos III-IV/IX-X) y su impacto en los	
eruditos sufíes andalusíes.....	117
<i>Mourad Kacimi</i>	

O mouro das Pedras Algaes: <i>Zuhd</i> (ascetismo) no concelho de Portel?	137
<i>Natália Maria Lopes Nunes</i>	

II COLÓQUIO INTERNACIONAL

Misticismo Islâmico em al-Andalus “Gnose, Símbolo e Metáfora”153

La perspectiva escatológica de Ibn Qasī a algunos pilares del islam en su

Khal’ al-na‘layn155

Abdelkrim Ben-Nas

Marjīq / Marachique (séculos IX a XIII)

Encastelamento (*ḥiṣn*) entre a Norma (*fiqh*) e a Mística (*taṣawwuf*)219

António Rei

El ascenso místico al Paraíso por medio del Vacío del miḥrāb.

Memoria, identidad y experiencia sensorial en época Omeya 245

Belén Cuenca

A linguagem Sufi e a sua deslocação –Características e Metáforas– 269

Pr. Hadj Benaired

La Mística y el Sufismo como superación de los fundamentalismos291

Juan José Tamayo

A Simbologia do Paraíso no Corão e no Misticismo Islâmico..... 307

Natália Maria Lopes Nunes

III COLÓQUIO INTERNACIONAL

Misticismo Islâmico em al-Andalus “Gnose, Norma e Transgressão” 323

Místicos Muçulmanos de Évora (séculos XI-XIV) 325

António Rei

Um gnóstico (*‘arīf ṣahīd*) morto em combate em Serpa (*Šārba*) na

segunda metade do século XII d. C. 347

António Rei

O vinho no misticismo islâmico do al-Andalus: norma ou transgressão?357

Natália Maria Lopes Nunes

De Ibn Masarra a Ibn Arabi, magisterio y eslabón:

sobre la Ciencia de las Letras en la obra *Kitāb Jawāṣṣ al-ḥurūf* de Ibn Masarra

y la morada de las cinco columnas mencionada en la obra *Futuhāt makkīyya*

de Ibn ‘Arabī375

Pilar Garrido Clemente

Místicos Muçulmanos de Évora (séculos XI-XIV)¹

António Rei

IEM / NOVA FCSH

Resumo

Setenta e cinco anos após a o texto “Évora Muçulmana”, de José Pedro Machado, de 1948, e depois publicado n’A *Cidade d’Évora* (1949), e apesar de, desde então, e bem mais recentemente, terem saído alguns trabalhos sobre determinados períodos da Évora islâmica, os quais incidiram principalmente sobre a destruição e a reconstrução da cidade, no início do século X, e também sobre o período das chamadas “taifas almorávidas”, em meados do século XII, ainda assim poucos rostos, poucos indivíduos, têm emergido para todo aquele período entre 712 e 1165. Alguns detentores do poder e Ibn ‘Abdūn são, por norma, quem ilustra e povoa, muito escassamente, quatro séculos e meio de Yābura.

Apesar de existirem mais indivíduos, a pedirem ser resgatados e divulgados num futuro que se pretende próximo, entre políticos, juristas, letrados, poetas e místicos relacionados com Évora, por origem, residência ou permanência mais ou menos longa, o que agora nos ocupa é um conjunto de místicos muçulmanos, que vai do século XI ao século XIV.

Palavras-chave

Évora; Yābura; Garb al-Andalus; *zāhid*; *ṣūfī*

¹ “Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito da Norma Transitória – DL 57/2016/CP1453/CT0072”.

Muslim Mystics from Évora (11th-14th centuries)

Abstract

Seventy-five years after the text “Évora Muçulmana”, by José Pedro Machado, at 1948, and later published in “A Cidade d’Évora” (1949), and despite the fact that, since then, and much more recently, some works have been published about certain periods of Islamic Évora, which focused mainly on the destruction and reconstruction of the city, at the beginning of the 10th century, and also on the period of the so-called “Almoravid taifas”, in the middle of the 12th century, even so, few faces, few individuals, have emerged for that entire period between 712 and 1165.

Some holders of power and Ibn ‘Abdūn are those who illustrate and populate, very sparsely, four and a half centuries of Yābura.

Although there are more individuals, needing a rescued and publicized in the near future, among politicians, jurists, scholars, poets and mystics related to Évora, by origin, residence or more or less long stay, which now concerns us occupies is a group of Muslim mystics, ranging from the 11th to the 14th century.

Keywords

Évora; Yābura; Garb al-Andalus; *zāhid*; *ṣūfī*

Nota introdutória

Setenta e cinco anos após a o texto “Évora Muçulmana”, de José Pedro Machado, de 1948, e depois publicado n’*A Cidade d’Évora* (1949), e apesar de, desde então, e bem mais recentemente, terem saído alguns trabalhos sobre determinados períodos da Évora islâmica, os quais incidiram principalmente sobre a destruição e a reconstrução da cidade, no início do século X, e também sobre o período das chamadas “taifas almorávidas”, em meados do século XII² ainda assim poucos rostos, poucos indivíduos, têm emergido para todo aquele período entre 712 e 1165.

Alguns detentores do poder e Ibn ‘Abdūn são, por norma, quem ilustra e povoa, muito escassamente, quatro séculos e meio de Yābura.

Apesar de existirem mais indivíduos, a pedirem ser resgatados e divulgados num futuro que se pretende próximo, entre políticos, eruditos, juristas, letrados, poetas e místicos relacionados com Évora, por origem, residência ou permanência mais ou menos longa, o que agora nos ocupa é um conjunto de místicos muçulmanos, que vai do século XI ao século XIV.

Usamos no título o termo “místico” por ser mais genérico, e poder englobar realidades que não são propriamente idênticas, como “*zāhid*” (asceta) ou “*ṣūfī*” (místico), e que definimos resumidamente como: o *ṣūfī* é um *zāhid*, mas nem todo o *zāhid* é um *ṣūfī*.

² SIDARUS, A., “Um Texto Árabe Do Século X Relativo À Nova Fundação De Évora e Aos Movimentos Muladi e Berbere No Ocidente Andaluz”, *A Cidade de Évora*, n.º 71-76 (1988-1991), pp. 7-37; IDEM, “Novas perspectivas sobre o Gharb al-Andalus no tempo de D. Afonso Henriques”, *2º Congr. Histórico de Guimarães: D. Afonso Henriques e a sua época – Actas*, CM Guimarães / Univ. Minho, 1997, vol. II, p. 247-67; ANTUNES, M. T. e SIDARUS, A., “Moedas árabes de Beja invocando Ibn Qasi: Nova leitura e interpretação histórica”, *Nummus*, 2ª sér., n.º 14-15 (1991-92), p. 25-40 (+ 2 est. c/ 6 fig.); IDEM & IDEM Fracção de dinar de Ibn Wazir de Évora invocando o emir almorávida Ishaq ibn ‘Ali (Significado histórico e político), *ibidem* (1992b), p. 41-51; IDEM & IDEM (1993) “Mais um quirate cunhado em Beja em nome de Ibn Qasi e Abu Talib al-Zuhri (Alcaria Longa – Baixo Alentejo)”, *Arqueologia Medieval* 2, Mértola / Porto, CAMértola / Afrontamento, p. 221-23.

Abū ‘Abd Allah Muḥammad ibn Sa’īd ibn Khamīs al-Yāburī

(Évora, c. 1040 - Sevilha, 503 h. / 1109 d.C.)

Nascimento e origem social

Poucas e muito breves notícias nos dão informação sobre a vida de Ibn Khamīs³. Estas notas biográficas, a *nisba* associada ao seu nome, e as referências à sua obra são os únicos dados conhecidos para traçar uma biografia deste místico eborense.

Sabemos que seu nome era Muḥammad ibn Sa’īd ibn Khamīs, e que ele tinha a *kunya* de Abū ‘Abd Allāh. Natural de Yābura (Évora), cidade do Ġarb al-Andalus, onde nasceu por volta do ano de 1040⁴. Daquela origem permaneceu a *nisba* al-Yāburī (o eborense, o de Évora) que o deixou identificado para a posteridade⁵.

Ibn Khamīs terá residido em Évora durante as duas primeiras décadas da sua vida, e terá deixado a sua cidade durante a terceira década, como consequência dos contextos político-militares que mencionaremos mais adiante, e nunca mais regressou à sua cidade natal. No entanto, apesar do afastamento físico e geográfico da sua região natal, nunca abandonou aquela *nisba* que, atestando a sua origem, perdurou na sua identificação.

O seu nome, mesmo na sua formulação mais longa, é curto e pode indicar que este homem seria um muladí, tendo sido o seu pai, Sa’īd ibn Khamīs, o primeiro a converter-se ao Islão. O pai de nosso místico tem um nome ainda mais curto, não apresentando *nasab* patrilinear, e no qual este é substituído pelo que parece ser um apodo, construído a partir do termo “khamīs” (possível forma abreviada de “yawm al-khamīs”: quinta-feira).

Assim, a expressão Ibn Khamīs: “o de quinta-feira”, ou “o que vem ou procede de quinta-feira” pode, a nosso ver, identificar um comerciante, de origem cristã ou judaica, que prosperou económica e socialmente a partir de um mercado que teria

³ IBN AL-ABBĀR, *Takmila li-kitāb al-Šila*, ed. HARRĀS, I, n° 1226; AL-DABBĪ, *Buġyat al-multamis*, (ed. CODERA, F. e RIBERA, J.), in *Biblioteca Árabe-Hispana (BAH)*, Madrid, 1885, n° 114; AL-MARRAKUŠĪ, *Al-Dayl wa-l-Takmila*, (ed. ‘ABBĀS, I., et al.), 4 vols., Tunes, Dār al-Ġarb al-Islāmī, 2012, n° 563; IBN JAMIS DE ÉVORA, *Kitāb al- Ġarīb al- Muntaqā min Kalām Ahl al- Tuqā (El lenguaje de los Sufies)*, (ed. BARDAKÇI, Mehmet Necmeddin e GARRIDO, Pilar), Cáceres – Universidade da Extremadura, 2010, pp. 32-36.

⁴ IBN JAMIS DE ÉVORA, *Kitāb al- Ġarīb al- Muntaqā* ..., 40.

⁵ IBN JAYR, *Fahrassa* (ed. CODERA, F., e RIBERA, J.), Saragoça, 1895, p. 302; IBN JAMIS DE ÉVORA, *Kitāb al- Ġarīb al- Muntaqā* ..., 18-19 e 36-39. Apesar de o nome de Muḥammad ibn Khamīs associado à *nisba* “al-Yāburī” já estar presente na *Fahrassa* de Ibn Khayr, publicada in *BAH* (ed. CODERA e RIBERA), 1895, p. 302, e de ter sido repetida por VIZCAÍNO, Juan Manuel, “Las Obras de *Zuhd* en al-Andalus”, *Al-Qantara* v. 12 (1991), Madrid, CSIC, pp. 417-437, p. 437, surpreendentemente a origem eborense deste místico desaparece, quer na reedição da *Fahrassa* de Ibn Jayr realizada pelo mesmo VIZCAÍNO PLAZA, Juan Manuel, in *Estudios Onomástico-Biográficos de al-Andalus (E.O.B.A.)* XII, Madrid, CSIC, 2002, p. 314; quer em MARÍN, Manuela, e ÁVILA, Maria Luisa, “Nomina de sábios de al-Andalus (430-520/1038-1126)”, *E.O.B.A.* VII (1995), pp. 55-189, pp. 153-154. Também a base de dados *Prosopografía de Ulemas de al-Andalus (PUA – Ulemas v1.7)*, Escuela de Estudios Arabes (EEA - CSIC) insere liminarmente Muḥammad ibn Khamīs em Sevilha (!), sem a mínima menção a Évora ou à *nisba* “al-Yāburī” (v. https://www.eea.csic.es/pua/personaje/consulta_personaje.php?id=8944).

lugar, regularmente todas as quintas-feiras, e isso justificaria o apelido em questão⁶. A sua conversão finalmente consolidaria sua nova condição social, facto que traria eventuais benefícios para ele e para a sua família.

Ibn Khamīs em Sevilha (c. 1070 - c. 1090) e em Ceuta (c. 1090 - c. 1108)

Évora foi uma cidade que, durante quase todo o século XI, esteve integrada na taifa de Badajoz. Esta taifa sob o domínio da dinastia Aftássida, principalmente durante o período entre 1025 e 1069, durante quase meio século, foi a arqui-inimiga da taifa ‘Abbádida de Sevilha.

Esse contexto mudou a partir do momento em que, no espaço da taifa Aftássida, após a morte de Muḥammad *al-Muẓaffar*, houve uma divisão espacial e também uma questão de sucessão, entre 1067 e 1072. Essa divisão levou a um confronto fraterno entre Yaḥyà ibn Muḥammad *al-Manṣūr*, Senhor de Badajoz, e seu irmão, ‘Umar ibn Muḥammad *al-Mutawakkil*, Senhor de Évora.

O confronto motivou a procura de alianças, tendo Badajoz estabelecido aliança com Toledo, e Évora aliou-se com Sevilha⁷. Esta aliança terá começado após 1069, ano em que *al-Mu’tamid* sucedeu ao seu pai na Taifa sevilhana. Esta nova condição pacífica entre as duas Taifas terá permitido uma mais fácil circulação de pessoas e bens entre Évora e Sevilha.

Se acrescentarmos àquela situação o facto de poucos anos antes, em 1064, Coimbra ter sido conquistada por Fernando I de Leão e Castela⁸, levando a fronteira norte da Taifa Aftássida muito mais para sul, para bem mais perto de Évora, nesta conjuntura de instabilidade a norte, terá sido por essa altura que Ibn Khamīs terá abandonado a sua cidade natal, indo-se instalar junto às margens do Guadalquivir.

Pela mesma época, e em virtude daquele avanço cristão para sul, *al-Mu’tamid* terá entregue a ‘Umar ibn Muḥammad *al-Mutawakkil* a região de Lisboa e o Vale do Tejo, para evitar que Sevilha mantivesse uma fronteira direta com Leão e Castela. Lisboa e a região circundante tinham sido dominadas pelos ‘Abbáidas de Sevilha durante cerca de meio século, entre 1027 e cerca de 1075⁹.

Ibn Khamīs viveu em Sevilha durante grande parte do reinado de *al-Mu’tamid* (1069-1091), o último monarca da Taifa ‘Abbáida.

⁶ Ainda hoje, em Marrocos, existem povoações que receberam seus nomes de mercados regulares no mesmo dia da semana, por exemplo, *Souk Tleta*: mercado de terça-feira; *Souk Arba*: mercado de quarta-feira; ou *Souk Khemis*: mercado de quinta-feira.

⁷ IBN JAMIS DE ÉVORA, *Kitāb al- Garīb al- Muntaqā* ..., 42. IDRIS, Hady R., «Les Aftásides de Badajoz», *Al- Andalus* XXX (1965) 277-290, 285-286; REI, António, “Os Rostos do Poder na Lisboa das Taifas (1009-1093). Novas leituras”, in *Lisboa Medieval – Os Rostos da Cidade* (Livro do II Colóquio Nova Lisboa Medieval), Lisboa, Livros Horizonte / Instituto de Estudos Medievais, 2007, pp. 60-71, p. 64.

⁸ IDRIS, Hady R. (1965), «Les Aftasides de Badajoz», pp. 283-284; REI, António (2007), “Os Rostos do Poder...”, p. 64.

⁹ REI, António, “Os Rostos do Poder...”, 63-65, e p. 69. n. 46,

Durante a *fitna* que teve lugar entre o final do período das Taifas e a consolidação almorávida na Península (1089-1108), em algum momento Ibn Khamīs terá abandonado a Península e ter-se-á estabelecido em Ceuta, onde se terá mantido até perto de 1108, quando o poder dos Almorávidas se consolidou, internamente em al-Andalus, e frente aos reinos cristãos do norte, ao venceram os castelhano-leoneses na batalha de Uclés.

Durante aquele período em Ceuta Ibn Khamīs terá redigido, parcial ou completamente, o seu tratado místico, e também durante aquele período ensinou na sua principal mesquita, e teve como seu discípulo, entre outros, ‘Iyād ibn Musa ibn ‘Iyād al-Yaḥṣubī, o futuro famoso *qāḍī* (juiz).

Ibn Khamīs foi grande amigo e companheiro do *qāḍī* Abū ‘Abd Allah Muḥammad ibn ‘Abd al-Raḥmān ibn Šibrīn (Marjīq, c. 1040 - Sevilha, 1110)¹⁰. Aquela proximidade pessoal fez com que Ibn Khamīs tivesse pedido a Ibn Šibrīn que lhe conduzisse a sua oração fúnebre, como de facto acabou acontecendo¹¹. Ibn Khamīs morreu em Sevilha, no ano 503 h. / 1109 d.C.¹².

A sua vivência mística

Ibn Khamīs adotou uma vida de grande austeridade e grande desapego dos bens materiais, que eram tão escassos que, quando viajava, sempre levava consigo todas as poucas coisas que possuía¹³.

Os biógrafos de Ibn Khamīs coincidem que ele levou uma vida de grande austeridade, pobreza e desapego, sendo um asceta, reto e virtuoso, e muito exigente na prática dos preceitos rituais (de perfil *muḥāsibī*), e um grande mestre entre os mestres sufis do seu tempo¹⁴. Aquele modelo não se manifestou apenas na vivência pessoal de Ibn Khamīs, mas também nos seus próprios estudos e reflexões sobre a

¹⁰ IBN JAMIS DE ÉVORA, *Kitāb al- Garīb al- Muntaqā ...*, pp. 34-39; IBN BAŠKUWĀL, *Kitāb al- Šila* (ed. CODERA, Francisco), in *Biblioteca Árabe-Hispana*, 1883, t. I: “Muhammad ibn ‘Abd ar-Rahman ibn Šibrīn”, n.º 1135; trad. port. VELHO, Martim, *Ilustres Homens Árabes da Andaluzia Ocidental*, Évora, 1965, 46; GARRIDO, Pilar, “Sobre o Kitāb al- Garīb al- Muntaqā min Kalām Ahl al- Tuqā de Ibn Jamīs de Évora, atribuído a Ibn Masarra”, *Al-Qantara* v. 30 / f.2 (2009), pp. 467-490. O artigo traça o “estudo preliminar” da futura edição, bastante extenso e exaustivo (92 pp.), havendo, no entanto, quer no artigo quer na edição, a repetição de um lapso na identificação de Marachique (hoje Castro da Cola), entendido como Monchique (p. 473), devido à semelhança fonética entre os dois.

¹¹ IBN JAMIS DE ÉVORA, *Kitāb al- Garīb al- Muntaqā ...*, 35-36. Um dos principais laços de proximidade e ajuda mútua entre Ibn Khamīs e Ibn Šibrīn terá sido pelo facto de ambos terem origem muladí, sendo que a *nisba* final de Ibn Šibrīn, nos diz que ele descendia de um “Severino” (> Šibrīn), um antepassado cristão.

¹² IBN JAMIS DE ÉVORA, *Kitāb al- Garīb al- Muntaqā ...*, pp. 18-19 e 33-36.

¹³ IBN JAMIS DE ÉVORA, *Kitāb al- Garīb al- Muntaqā ...*, p. 33.

¹⁴ IBN AL-ABBĀR, *Takmila li-kitāb al-Šila*, ed. HARRĀS, I, n.º 1226; AL-MARRAKUŠĪ, *Al Dayl wa-l-Takmila*, (ed. ‘ABBĀS, I., et al.), 4 vols., Tunes, Dār al-Ġarb al-Islāmī, 2012, n.º 563; IBN JAMIS DE ÉVORA, *Kitāb al- Garīb al- Muntaqā ...*, pp. 33-36.

obra *Kitāb al-Ricāya* de Harīṭ al-Muḥāsibī¹⁵, sobre a qual elaborou um comentário, e da qual fazia matéria de estudo para os seus discípulos¹⁶.

Terá tido vários professores, porém, nenhum dos seus biógrafos identificou algum deles. Independentemente de quem fossem seus professores, ele teria homenageado aqueles que o ensinaram, pois era considerado o “primeiro dos mestres sufis do seu tempo” (*ṣadr fī šuyūkh al-ṣūfiyya fī waqtihi*) no Ocidente islâmico, em ambos os lados do Estreito¹⁷.

Alguns dos vários discípulos que ele teve são conhecidos, talvez o mais conhecido dos quais foi qāḍī Abū l-Faḍl ‘Iyāḍ ibn Musa ibn ‘Iyāḍ al-Yaḥsubī, famoso jurista maliki do período almorávida, nascido em Ceuta, que morreu e foi sepultado em Marraquexe¹⁸.

Ibn Khamīs compôs um tratado de conteúdo místico, que intitulou de *Kitāb al-Ġarīb al-Muntaqā min Kalām Ahl al-Tuqā* (*Tratado sobre a Insólita Linguagem dos Valores Dogmáticos das Gentes de Piedade*), sobre o qual falaremos mais adiante.

Ibn Khamīs terá escrito aquela obra em Sevilha, ou mais possivelmente durante o período em que residiu em Ceuta, e onde o seu manuscrito poderá ter sido posteriormente copiado e ou aprendido pelos seus discípulos¹⁹.

Ibn Khamīs, dada a época em que viveu, e relativamente aos círculos místicos da época no al-Andalus, deve ter feito parte de uma geração intermédia, entre os místicos que se retiraram dos centros urbanos para locais isolados, e os que já estavam começando a ter uma maior interação social.

É possível que Ibn Khamīs tenha conhecido a obra de Abū Ḥāmid al-Ġazālī (m. 505/1111), de quem foi contemporâneo, e cujos ecos chegaram a Sevilha através de Abū Bakr ibn al-‘Arabī (m. 543 h./1148 d.C.), sendo possível que o místico de Évora tivesse frequentado os mesmos círculos intelectuais sevillanos que Abū Bakr ibn al-‘Arabī²⁰.

¹⁵ ‘ABDEL-KADER, ‘Ali Hassan (ed. e trad), *The Life, Personality and Writings of al-Junayd*, Londres, Gibb Memorial Trust – Luzac & Co. Ltd, 1976: sobre al-Muḥāsibī, mestre de al-Junayd, v. pp. 18-28.

¹⁶ IBN AL-ABBĀR, *Takmila li-kitāb al-Šila*, ed. HARRĀS, I, n° 1226; IBN JAMIS DE ÉVORA, *Kitāb al-Ġarīb al-Muntaqā ...*, pp. 33-35.

¹⁷ V. supra n. 14.

¹⁸ HERMOSILLA LLISTERRI, M^a. José (1978/79). “Em torno do Qadi ‘Iyad. Dados Biográficos”, em *Miscelânea de Estudos Árabes e Hebraicos*, vol. 27/28, 149-164; IBN JAMIS DE ÉVORA, *Kitāb al-Ġarīb al-Muntaqā ...*, pp. 33-34.

¹⁹ IBN AL-ABBĀR, *Takmila li-kitāb al-Šila*, ed. HARRĀS, I, n° 1226; AL-MARRAKŪŠĪ, *Al Dayl wa-l-Takmila*, (ed. ‘ABBĀS, I., et al.), 4 vols., Tunes, Dār al-Ġarb al-Islāmī, 2012, n° 563; IBN JAMIS DE ÉVORA, *Kitāb al-Ġarīb al-Muntaqā ...*, pp. 33 e 35-36.

²⁰ Sobre Abū Bakr ibn al-‘Arabī, vida e obra, v. LAGARDÈRE, Vincent, « Abū Bakr Al-‘Arabi, grand cadi de Seville », in *Revue de l’Occident Musulman et de la Méditerranée*, n°40, 1985. Al-Andalus – Culture et société. pp. 91-102.

Talvez também conhecesse alguns místicos das então novas gerações, e ainda no início dos seus percursos, como Ibn Barrajān de Sevilha (m. 536/1141) ou Ibn al-‘Arīf de Almeria (m. 536/1141), para citar apenas os mais renomados entre eles²¹.

O tratado místico *Kitāb al-Garīb al-Muntaqā min Kalām Ahl al-Tuqā*

Um manuscrito (ms.) até então desconhecido, da obra *Al-Garīb al-Muntaqā min Kalām Ahl al-Tuqā*, foi encontrado recentemente, e ao qual tinha sido atribuída a autoria de Ibn Masarra, místico andaluz do século X²².

O manuscrito em questão está na Biblioteca Vahid Pasha, na cidade turca de Kutahya²³. O investigador turco Mehmet Necmeddin Bardakçı foi quem o encontrou e quem primeiro trabalhou sobre ele, tendo produzido uma primeira edição do texto manuscrito inédito na sua tese de doutoramento. No entanto, e seguindo anotações do próprio manuscrito que surgem lateralmente, Bardakçı também identificou o texto como obra de Ibn Masarra, como fica claro no título da tese²⁴.

Mais tarde e em contactos posteriores de Bardakçı com a arabista espanhola Pilar Garrido levaram a que, com base na citação do referido título (*Al-Garīb al-Muntaqā min Kalām Ahl al-Tuqā*) noutras fontes árabes, a autoria da obra fosse finalmente atribuída a Ibn Khamīs al-Yāburī, sendo este um importante, embora ainda praticamente desconhecido, elo na história do sufismo andalusi.

Aqueles dois investigadores acabaram produzindo uma primeira edição da obra de Ibn Khamīs, que foi publicada pela Universidade da Extremadura²⁵.

Em datas próximas daquela edição, ambos os autores da mesma publicaram, cada um de *per se*, artigos em que dão a conhecer a obra, o autor e em que se referem à edição. Pilar Garrido publicou primeiro, e Mehmet N. Bardakçı publicou depois²⁶.

²¹ IBN JAMIS DE ÉVORA, *Kitāb al-Garīb al-Muntaqā* ..., 47; GARRIDO, Pilar. “No Kitāb al-Garīb al-Muntaqā ...”, p. 477. Ibn Barrajān de Sevilha e Ibn al-‘Arīf de Almeria mais tarde estabeleceriam uma conexão com Ibn Qasī.

²² Sobre este místico, vida, obra e vivência mística, v. GARRIDO CLEMENTE Pilar, *Obra completa del Sufi Ibn Masarra de Córdoba*, Córdoba, Ed. Almuzara, 2022.

²³ O manuscrito está na Biblioteca Vahid Pasha, na cidade turca de Kutahya. É parte do códice nº 349, e ocupa as páginas 1a-98b. Nunca havia sido identificado, uma vez que não fora mencionado em nenhum estudo, catálogo ou repertório bibliográfico previamente conhecido, nem naquela biblioteca nem em qualquer outra.

²⁴ BARDAKÇI, Mehmet Necmeddin, *Ibn Masarra'nın ratevıvuf Düsünce tarihi Icindeki Yeri ve al-Muntaqâmin kalâmi Ahli'l-Tuqâ adl Eseri* [*O Pensamento Sufi de Ibn Masarra e sua importância na história do Sufismo: estudo de seu tratado al-Muntaqâ min kalâm ahl al-tuqâ*], Tese de Doutoramento, Departamento de Teologia e Estudos da Religião, Universidade Suleyman Demirel de Isparta, Turquia, 1998.

²⁵ IBN JAMIS DE ÉVORA, *Kitāb al-Garīb al-Muntaqā min Kalām Ahl al-Tuqā* (*El lenguaje de los Sufies*), (ed. BARDAKÇI, Mehmet Necmeddin e GARRIDO, Pilar), Cáceres – Universidade da Extremadura, 2010.

²⁶ GARRIDO, Pilar, “No Kitāb al-Garīb al-Muntaqā ...” 467-490; BARDAKÇI, Mehmet Necmeddin, “Muhammad ibn Hamis and his treaty “Al-Muntaqâ min Kalâm Ahl al-Tuqâ”, *Süleyman Demirel Üniversitesi İlahiyat fakultesi Dergisi*, nº 24/1 (2010), pp.1-18.

Curiosamente, e apesar do trabalho conjunto de edição, existem diferenças significativas no conteúdo dos artigos. Vejamos, mesmo depois de trabalhar com Pilar Garrido, e da correta identificação que esta investigadora faz de Évora como berço de Ibn Khamīs²⁷, Mehmet N. Bardakçi, surpreendentemente (é o mínimo que se pode dizer), identificou Évora como sendo Elvira²⁸(!) [antigo nome da cidade de Granada], sem inicialmente procurar tentar esclarecer as evidentes dúvidas com a colega espanhola.

Ele discorda de Pilar Garrido, *a posteriori*, sobre a data de nascimento de Ibn Khamīs, que ela situa por volta de 1040 d. C.²⁹, e do qual Bardakçi diz “Muhammad ibn Hamis, cuja data de nascimento é desconhecida”³⁰.

E sobre a morte de Ibn Khamīs, e sobre seu enterro, que Garrido coloca, corretamente, em 1109³¹, Bardakçi diz que “Muhammad ibn Hamis [...] morreu provavelmente na primeira metade do século XII”³², a partir de uma interpretação textual, na qual, usando pontuação ausente no texto árabe original, afirma que foi Ibn Khamīs quem rezou no funeral de Ibn Šibrīn, e não o contrário³³.

Atendendo aos poucos, e algo imprecisos, dados que se conhecem sobre a vida e obra de Ibn Khamīs, é sem dúvida uma figura que merece futuros estudos mais aprofundados.

²⁷ IBN JAMIS DE ÉVORA, *Kitāb al- Garīb al- Muntaqā ...* , pp. 26-28, 34 e 36-43; GARRIDO, Pilar, “No Kitāb al- Gariīb al- Muntaqā ...” p. 475.

²⁸ BARDAKÇI, Mehmet Necmeddin, “Muhammad ibn Hamis e seu tratado...”, pp. 4-5. Tirando uma conclusão baseada apenas em certa semelhança fonética, o pesquisador turco propõe conexões pessoais irrealistas que teriam ocorrido na juventude de Ibn Khamīs , em Elvira (!) com outros místicos de Granada (pp. 4-5).

²⁹ IBN JAMIS DE ÉVORA, *Kitāb al- Garīb al- Muntaqā ...* , p. 40.

³⁰ BARDAKÇI, Mehmet Necmeddin, “Muhammad ibn Hamis e seu tratado...”, p. 6.

³¹ IBN JAMIS DE ÉVORA, *Kitāb al- Garīb al- Muntaqā ...* , pp. 34 e 39; GARRIDO, Pilar, “No Kitāb al- Gariīb al- Muntaqā ...” p. 473.

³² Relativamente à data de falecimento de Ibn Khamīs, VIZCAÍNO Juan Manuel, “Las Obras de *Zuhd* en al-Andalus”, *Al-Qantara* v. 12 (1991), pp. 417-437, p. 437, e em VIZCAÍNO PLAZA, Juan Manuel, *Fahrasa de Ibn Jayr* in *E.O.B.A.*, XII, p. 314, este autor refere que este místico teria falecido pouco antes do ano 544 da hégira, ou seja, entre os anos 1159 e 1160 da Era Cristã, sem que diga como chegou àquela datação. Também MARÍN, Manuela, e ÁVILA, Maria Luisa, “Nomina de sábios de al-Andalus (430-520/1038-1126)”, *E.O.B.A.* VII (1995), ..., pp. 153-154, propõem, sem mais, que Ibn Khamīs teria falecido pouco antes de 520 h., correspondendo ao ano de 1125.

³³ BARDAKÇI, Mehmet Necmeddin, “Muhammad ibn Hamis e seu tratado...”: pp. 6-7.